

*NUNCA  
ESTIVE  
MELHOR*

Leanne Toshiko Simpson

TRADUÇÃO DE BEATRIZ GUTERMAN



ALTA BOOKS

GRUPO EDITORIAL  
Rio de Janeiro, 2024

# CRAZY IN LOVE

— BEYONCÉ E JAY-Z (3:56)



QUANDO O CONVITE para o casamento na praia de Matt e Misa chegou pelo correio, Tilley o pregou no alvo de dardos que tínhamos em nossa cozinha.

— “Aceitar com prazer ou declinar com pesar”. — Ela bufou enquanto lia. — Por que a alternativa “acabar com os *drinks* grátis com certa apatia” nunca está disponível? Ainda mais quando não se pode levar um acompanhante.

Ela tirou alguns dardos do alvo e recuou cinco passos, esbarrando na mesa. Semicerrando os olhos, lançou um único dardo na parede e virou-se para mim ao notar meus lábios franzidos.

— Você está bem?

Observei o estrago. Minha irmã havia perfurado o brasão de palmeira, mas a foto de Matt e Misa em poses perfeitas no convite seguia intacta. De corpo robusto e vestindo um terno azul-escuro, Matt abraçava Misa, que sorria radiante em seu vestido rosa pastel de cetim. Ela olhava para ele por cima do ombro com um carinho que me fazia pensar em café da manhã na cama, garrafas de vinho compartilhadas e contas bancárias conjuntas: todas as coisas que eu mal podia imaginar para mim mesma.

— Parece que ele vai absorvê-la — murmurou Tilley, que de repente apareceu ao meu lado. — Como se fosse uma esponja matrimonial.

— Está tudo bem — falei, um pouco alto demais. — Eu tô bem. Sabia que isso ia acontecer, passei meses me preparando para esse momento. Na verdade, com licença, tenho uma coisa para fazer no banheiro.

Eu sentia os pensamentos sombrios chegando, então entrei em pânico e curvei bem a cabeça antes de sair da cozinha em passos rápidos e prosseguir pelo corredor até o banheiro que compartilhávamos. *Fica calma. Fica calma.* Bati a porta no mesmo momento em que ouvi Tilley soltar o maior suspiro da história da humanidade. Enquanto ignorava seus passos pesados vindo em minha direção e a cachoeira que se formava em meus olhos, vasculhei o armário em busca de um frasco de Listerine muito antigo. Com as mãos tremendo, preenchi a tampa com o líquido e então fiz uma careta enquanto colocava o antisséptico na boca.

Tilley bateu à porta.

— Dee, posso entrar?

— Nrggh — falei, bochechando furiosamente. O enxaguan-te ardia e meus olhos se encheram de lágrimas, mas era bom poder controlar o desconforto. Cuspi na pia, coloquei a língua para fora e preenchi a tampa novamente.

— Certo, eu perguntei se podia entrar por educação, mas você sabe que tive que tirar a tranca da porta depois do último acidente — continuou Tilley. — Então eu vou entrar e quero que me prometa que não está fazendo nada... suicida?

Bochechei mais rápido como recusa.

— Nrghhh, nrghhh!

Tilley abriu a porta, me atingindo quando estendi o braço para mantê-la fechada. Não dava para aguentar a boca cheia de substâncias químicas e um cotovelo machucado, então me virei

e cuspi na pia novamente. Tilley olhou para o frasco aberto de Listerine, depois para mim, e cruzou os braços.

— Que foi? — perguntei. — É proibido se importar com uma boa higiene bucal?

— Diga que o que está fazendo agora não é uma forma estranha de punição.

— Não sei — respondi, colocando a cabeça debaixo da torneira para tomar um pouco de água antes de continuar. — Tô tentando pensar nisso como uma forma de terapia de exposição. Talvez eu consiga lidar melhor com o casamento se aprender a dominar o desconforto.

— Dee, você conheceu essas pessoas em um hospital psiquiátrico — disse ela, olhando para o espelho e examinando os poros do nariz. — Acho que vocês três já aprenderam a lidar com o desconforto.

Abri a boca para retrucar, mas nenhuma palavra saiu. Eu havia recebido alta há meses e ainda não sabia como dizer a Tilley que nunca me senti tão em casa quanto no hospital com Matt e Misa.

Ela viu meus ombros encolherem pelo reflexo do espelho, então se virou e me abraçou.

— Olha, não estou dizendo que isso é ruim — murmurou ela no meu ombro. — Daria um ótimo assunto para o coquetel.

— E quem precisa disso? — respondi, me desvencilhando do abraço com gentileza. — Tenho certeza de que todos estarão ocupados comentando sobre o noivado repentino.

— Acho que não existe um cronograma padrão entre uma internação involuntária e um casamento, ainda mais no período de um ano.

— A maioria dos convidados só sabe parte da história — falei. — Misa não contou nem para a família como eles realmente se conheceram.

Tilley arqueou uma sobrancelha.

— Então você vai aparecer como uma manifestação física do maior segredo deles?

Gesticulei impotente para a garrafa de enxaguante bucal.

— Como se eu conseguisse ao menos pegar um avião sem surtar completamente. Quero estar lá por eles. E, sabe, ser um pouco normal. Mas não sei se consigo.

— Eles vão entender melhor do que ninguém se você não estiver bem o bastante.

— Não é isso — respondi, colocando Listerine na tampa uma última vez por garantia. — É que eu prefiro raspar as sobrancelhas do que ver Matt Costigan se casando com outra pessoa.

Quando a última dose do mentol pungente atingiu a parte inferior da minha língua, não pude deixar de perceber a expressão aflita de Tilley no espelho — como se ela também estivesse enfrentando gengivite e uma inevitável desilusão amorosa.



CINCO ÓTIMOS MOTIVOS pelos quais eu — e não Misa — deveria ter ficado com Matt:

*1. Eu o vi primeiro.*

Não que eu esteja me gabando nem nada, mas cheguei no hospital psiquiátrico primeiro. Na minha primeira noite, Matt chegou ao hospital com curativos no antebraço e um sorriso enfiado que iluminou a sala de emergência. Com uma beleza rústica e o físico de um ursinho de pelúcia, ele vestia duas camisolas hospitalares amarradas à cintura para se sentir mais confortável.

— É o meu estilo — disse Matt ao me ver encarando-o da cafeteria. Ele era a primeira coisa reluzente que eu via em muito tempo, e eu queria pegá-lo como se fosse um passarinho e levá-lo comigo para meu quarto hospitalar branco e depressivo.

## 2. Nós rimos de tudo...

— Por que te trancaram aqui? — perguntei, como se estivesse em um teste de elenco para a série *Prison Break*.

— Decidi que ontem seria meu último show — respondeu, debochado. — O problema é que minha banda entendeu “último” como “dar adeus à guitarra” e não “se cortar depois do bis”. Acho que foi um problema de comunicação da minha parte.

Assenti com empatia.

— Um problema de semântica, né?

## 3. Mas ainda assim temos conversas profundas.

Contei ao Matt que havia me jogado — com casaco e tudo — na piscina em que eu ensinava criancinhas a soprar bolhas na água, só para ver se eu afundaria.

— Só fiz isso porque achei que era imortal — expliquei.

— Bem, se é imortal, não sei — disse ele, os olhos brilhantes. — Mas tem que ser muito durona para estar aqui pela primeira vez e conseguir lidar bem. É um tipo diferente de resistência, na minha opinião.

## 4. Sempre fomos uma ótima equipe.

— Lucie é a melhor em tirar sangue, mas Marc faz uma ótima imitação do Robert De Niro — explicou Matt enquanto nos esticávamos no sofá da sala de convivência. — Então, tudo depende do que quer receber em troca de seus impostos.

— Pelo jeito conhece bem isto aqui — respondi.

Ele sorriu ironicamente.

— Acho que pode me chamar de cliente recorrente. Os últimos anos não foram os mais fáceis. — Ele coçou um dos curativos. — Sabe, quando vim parar aqui pela primeira vez, achei que este lugar mudaria minha vida. Que seria uma virada de chave simbólica. Mas acho que depois de tantos fracassos, parece que tenho que mudar a rota de alguma forma.

— Talvez esta seja sua chance — sugeri, e seus olhos encontraram os meus.

— Por que não? — disse ele. — Não temos mais nada a perder.

*5. Ele faz com que eu me sinta em casa em qualquer lugar.*

Naquela primeira noite, ele me acompanhou até o quarto e se encostou na soleira da porta.

— Então, tem planos para o café da manhã? — perguntou. Dei risada.

— Talvez eu tenha um tempinho para você antes da terapia em grupo.

Matt observou a decoração estéril do dormitório e assobiou baixo.

— Lugar bacana. As grades na cama dão um toque bem aconchegante.

— Faz tempo que não durmo em um lugar que não seja minha casa — admiti. — Estou um pouco nervosa.

— Não fique — disse ele. — Esta é a melhor parte do dia. Ninguém está te observando ou analisando cada passo seu. É um tempinho em que pode sentir o que quiser. — Ele deu duas batidinhas no batente e então abriu um sorriso incentivador antes de seguir para o próprio quarto. Observei Matt se afastar, relembando cada segundo de nossa conversa. Mas o entusiasmo que senti naquela noite e em todas as semanas seguintes em que estivemos juntos nunca pareceu se esvanecer, mesmo quando foi necessário.



EU E TILLEY NOS REUNIMOS na sala de estar, afundando no conforto do sofá. A algumas ruas de distância, meus pais levavam um pote cheio de charutos de repolho para uma festa de colheita com alguns vizinhos. Eles não se reuniam por causa da comida, apesar de os Johnsons preparem o melhor pão doce do bairro

e o *chow mein* da Sra. Sato ser divino. Simplesmente gostavam de reclamar sobre o quanto a vizinhança estava mudando — as casinhas de um andar sendo substituídas por minimansões cinza, famílias que moravam ali há muito tempo se mudando em velocidade recorde para distritos em que nem se podia chegar sem um carro. Eu também havia notado: na última vez em que Tilley e eu subimos no terraço do mercadinho local com um engradado de cerveja, descobrimos que alguém destruiu o sofá que havíamos colocado lá para assistir ao pôr do sol. Essa é uma história que eu teria contado para toda a congregação do bairro se tivesse sido convidada. Mas desde a vez em que fui me sentar no viaduto no meio da madrugada quando Matt e Misa ficaram noivos, meu pai passou a preferir que eu ficasse longe da vista dos vizinhos. Eu e minha irmã tínhamos sorte de ainda morarmos neste bairro — Tilley conseguiu sublocar uma casa pequena com o amigo de um amigo e me deixava morar ali por pura bondade (e graças à regularidade do seu salário de garçonete).

Com um equilíbrio impecável conquistado por seus anos servindo clientes no modesto bar de esportes favorito de Scarborough, Tilley levou garrafas de *prosecco* barato e de Fanta e dois copos até o rack da TV. Ela gesticulou para que eu desse espaço e nós nos aconchegamos em frente à tela, com um *reality show* sobre pessoas bêbadas em um iate servindo de barulho de fundo. Do lado de fora, podíamos ouvir as crianças da rua da frente jogando basquete, os murmúrios de seus xingamentos sendo interrompidos por eventuais gritos pedindo um passe.

— Fico feliz que esteja tentando — disse Tilley, completando meu copo de refrigerante de laranja com *prosecco*. Encarei-a e ela virou mais a garrafa, revirando os olhos. — Só não acho que possa resolver seus problemas fazendo bochecho. Mas a criatividade foi dez de dez.

Na tela, um iate buzinou quando passou por uma ilha luxuosa e deserta.



— O que mais posso fazer? — perguntei. — Meu médico acha que sou muito dramática. A mamãe e o papai sentem vergonha da minha existência. Estou falida demais para ir a um terapeuta de verdade...

— Ou para me pagar pela sua parte da manicure de aniversário da mãe...

— Exatamente — falei, esperando a efervescência baixar. — Estou dando o meu melhor, e a última coisa que preciso é de uma data no calendário marcando o pior dia da minha vida.

— Pelo menos foi convidada — disse Tilley. — É quase como se eles se importassem com você ou algo do gênero.

Eu sabia que tinha sorte de ter um porto seguro em Matt, e nos meus melhores momentos, era grata por ouvir as implicações protetoras de Misa. Mas esse não era o tipo de preocupação que eu queria atualmente. Claro, ter amigos que compreendem seus episódios de mania, os tremores causados por remédios e o mal-estar generalizado é ótimo. Mas isso não mudava o fato de que, no fim das contas, eles tinham uma vida inteira juntos e eu estava presa com Tilley, uma irmã com a atração gravitacional de Júpiter. Tudo o que eu queria era encontrar meu próprio cantinho no Universo.

— Só estou dizendo que, se fosse para imaginar que alguém teria um primeiro encontro digno de comédia romântica num hospital psiquiátrico, apostaria em Matt e eu — resmunguei. — Éramos ótimos do jeito que estávamos.

— Você quer dizer profundamente deprimidos?

— Quero dizer que éramos sinceros pra caralho um com o outro — falei. — Mas aí a Misa apareceu e tudo mudou.

Na primeira vez que vi Misa, ela estava no corredor do hospital, enrolada em um vestido transpassado que com certeza só podia ser lavado a seco. Gostei de ela ter usado maquiagem para vir a um hospital psiquiátrico. Apenas o melhor para o segredo mais bem guardado de Scarborough. Ao meu lado no sofá,

Harsha, minha vizinha de ala, sugou as bochechas como uma criança com um balão de gás hélio.

— Aquela garota é tão linda! Aposto que também é modelo. Às vezes simplesmente reconhecemos outras de nós pela cara, sabe? É como um sexto sentido.

Meu sexto sentido não era muito apurado, mas até eu pude perceber que a dinâmica estava prestes a mudar quando Matt se levantou para cumprimentar Misa. O sorriso gentil e a confiança discreta de repente fez parecer que ela estava nos recebendo em sua casa, apesar de termos chegado lá primeiro. Harsha e Matt logo ficaram hipnotizados, e eu me perguntei se algumas semanas sozinha com ele eram vantagem suficiente para causar um impacto duradouro. A questão é: eu acho que queria que Misa gostasse de mim quase tanto quanto não queria que Matt gostasse dela.

Tilley pigarreou alto, tentando impedir meu devaneio.

— Se quer ser “sincera pra caralho” por cinco segundos, podemos lembrar que esse é o “cara incrível” que fez você ser expulsa do hospital?

Tentei me concentrar nas bolhas que subiam para a superfície do meu copo, nos sons suaves de um comercial de perfume que passava na televisão, na curva angular da maçã do rosto de Tilley — algo que me prendesse ao presente. Mas, como sempre, nada podia evitar aquele sentimento corrosivo na boca do meu estômago que acompanhava a lembrança.



*No dia em que fui expulsa do hospital, Matt sentou-se comigo na sala de convivência enquanto eu esperava Tilley me buscar. No fim do corredor, médicos entravam e saíam dos quartos dos pacientes com uma rapidez que combinava com a decoração fria. Esse era um assunto recorrente: ninguém aqui queria nos tocar, mas alguns de nós ansiavam pelo toque uns dos outros. Ouvimos*

a janela da cafeteria fechar, anunciando a calmaria pós-café da manhã. A televisão exibia um documentário sobre pinguins no volume máximo, mas Jeremy, o paciente mais antigo da ala, dormia profundamente em sua poltrona favorita. Fazia anos que ele saía e voltava ao hospital. Eu queria acordá-lo para me despedir, mas ele não precisava ser lembrado de que não iria embora tão cedo.

Conferi minha bolsa de ginástica arrumada às pressas para ver se não faltava nenhum item de higiene pessoal, sentindo o couro desgastado do sofá grudar na parte traseira da minha coxa. Em um ato final de rebeldia, decidi usar meus shorts de pijama para minha grande despedida, apesar de poder ver a neve lamacenta espalhada no estacionamento abaixo através das persianas. As enfermeiras trocaram olhares arrogantes atrás do vidro blindado da estação de vigilância, mas eu continuei concentrada no que estava fora da janela, uma franquia Tim Hortons-Wendy's do outro lado da rua. Separada de nós por fechaduras de cartão magnético e o trânsito dos subúrbios, sua placa neon brilhava como um farol de esperança para nós, turistas da psiquiatria. Desde nossa chegada, eu e Matt havíamos conversado sobre o restaurante todos os dias, uma obsessão agravada pela comida horrível do hospital.

— Quando você sair daqui — disse a ele, ignorando o fato de que minha partida, assim como minha chegada, era involuntária —, vamos tomar um belo de um sorvete.

Eu não queria pensar em Misa, Jermaine, Liz ou Harsha, meus amigos que ainda estavam presos no purgatório do hospital. Não queria pensar na ala psiquiátrica como uma pousada nos subúrbios da cidade, na qual alguém se deitaria miserável nos meus lençóis recém-lavados, contando as placas de gesso do teto até chegar a hora da terapia em grupo. Queria que fosse como o final de Duro de Matar, em que o lugar todo se transforma em uma enorme fogueira e é o melhor Natal de todos. Então eu me lembrei que Duro de Matar tem umas sete sequências, então até que não é uma analogia ruim para a recuperação psiquiátrica como um todo.

— Claro, Srta. Um Sonho de Liberdade — disse Matt, seu ânimo de sempre traído pelas olheiras sob os olhos cor de avelã. — Só não vai se esquecer de mim agora que é tão importante que pode vestir as próprias roupas.

— Nunquinha — respondi e ele abriu o seu sorriso enviesado. Meu coração acelerou e tentei registrar tudo mais uma vez: o cheiro antisséptico do hospital, a vista do centro comercial do outro lado da rua, o queixo de Matt com a barba por fazer, parecendo ruiva e selvagem sob a luz fluorescente.

Ele coçou a barba e me perguntei se ele estava pensando sobre a noite anterior.

— Se tudo der certo, saio daqui em cerca de uma semana — adicionou ele, e eu queria acreditar. Mas o que ele não citou é que, de alguma forma, uma semana na internação podia conter uma eternidade. Aqui as relações progrediam na velocidade da luz, formadas na consciência mútua de que estamos aprendendo a sobreviver em um mundo que não foi feito nos levando em consideração. Encarei o Wendy's com vontade, desejando que meu corpo estivesse lá. Matt notou meu raro silêncio e me abraçou de lado. Inspirei com certa rapidez e então relaxei contra o calor de seu ombro forte.

— Qual é, Dee, você consegue — disse ele. — Tem que enfrentar aqueles médicos e sair daqui com um sorriso. É assim que você vence.

Pisquei para afastar as lágrimas.

— Não parece que estou vencendo. Parece que estou tão doente quanto no dia em que cheguei aqui e agora vou estar sozinha.

— Não vai ficar sozinha — prometeu ele, a voz baixa e apressada quando um médico passou por nós. — Me liga no orelhão todos os dias. Para a Misa também. Vamos estar ocupados com o quê? Fazendo macramê?

Eu havia contado para Misa que ia embora no banheiro apertado que compartilhávamos. Em certo momento durante nossa internação, havíamos trocado os produtos de higiene para tentar recriar aquela sensação estranha de usar produtos de hotel, rindo ao ver

que os sabonetes da L'Occitane e da Dove eram iguaizinhos quando se está deprimido. Ela tentou manter a compostura enquanto guardava meu sabonete líquido e meu shampoo dois em um com cuidado, mas consegui perceber que estava mais abalada do que o normal.

— Vou sentir sua falta — falou, tão rápido que quase não ouvi. Nós nos encaramos e eu pensei em como ela e Matt ficariam sem mim aqui. Não tínhamos permissão de fazer visitas depois de receber alta, mas isso geralmente não era um problema para a maioria das pessoas. Eu não sentiria falta da burocracia, da vigilância, do sentimento de que havíamos sido presos para que as outras pessoas ficassem protegidas. Mas, talvez, a coisa mais maluca em relação a mim é que eu não queria ir embora.

— Não precisam se preocupar comigo — disse ao Matt, sufocando uma pontada de ansiedade em meu peito.

Ele me puxou para mais perto. Eu podia sentir o aroma do sabonete de cedro que Tilley havia comprado para ele na farmácia no andar de baixo. Jermaine roncou e se remexeu na cadeira, e eu desejei que pudéssemos nos despedir em outro lugar, um lugar em que talvez eu fosse mais corajosa.

— Dee, eu sempre vou me preocupar com você — disse ele. — É bom já ir se acostumando.

Meu coração estremeceu, mas eu não conseguia achar as palavras para levar o papo adiante. Em vez disso, meus instintos de jardim de infância vieram à tona e eu dei um soquinho em seu ombro.

— Matt, se eu consigo me acostumar com antipsicóticos, consigo me acostumar com qualquer coisa.

Ele deu uma risadinha.

— Deviam ter citado você em vez de Wayne Gretsky na lousa do corredor.

— Ah, sim, claro. Quando isso acontecer, vou saber que finalmente venci na vida.

Matt se levantou tão repentinamente que caiu no braço do sofá.

— Espere aqui — disse ele, e então saiu pela porta da sala de convivência.

Nunca fui boa em seguir instruções, então joguei a bolsa ao lado da cadeira de cochilo de Jermaine e segui Matt até o corredor. Quando passei pela estação de enfermagem, vi que ele estava ocupado apagando o quadro branco do corredor.

— Sai daqui, madame! — disse com a voz arrastada, como se estivesse em um filme de Velho Oeste dos anos 1930. — Salve-se! Não volte para me ajudar!

Arquejei.

— Isso é uma caneta permanente? Eles vão te matar!

Ele tirou a tampa da caneta preta e escreveu: “Se eu posso me acostumar com antipsicóticos, posso me acostumar com qualquer coisa” enquanto eu assistia com pavor e admiração. Assinou a frase com um único D e então se afastou para admirar seu trabalho, sorrindo para mim.

— Pronto — disse ele. — Deixou sua marca. Agora está na hora de dar o fora daqui.

— Não sei se estou pronta — respondi, encarando o chão.

Matt pegou minha mão e a apertou.

— Confia em mim?

— Sempre.

— Então acredite quando eu digo que você sempre esteve pronta para encarar o que está adiante — disse ele bruscamente, e meu coração ficou mais leve. — Você é uma sobrevivente, Dee. Nunca se esqueça disso.



COMO EU PODERIA NÃO amar alguém que acreditava tanto em mim?

— Foi culpa minha também — falei para Tilley, virando metade do meu drinque para diminuir o impacto. — E, é claro, também podemos dar os devidos créditos ao sistema psiquiátrico extremamente falho pela sua contribuição em meu trauma...

— Amém.

— Mas tem razão, tudo deu errado quando eu saí do hospital — falei. — Foi assim que eles acabaram juntos.

— Hmm — disse Tilley. — Não vamos comentar sobre a noite em que você quebrou tanto as regras que seu médico decidiu que nem o hospital-dia seria suficiente e sua vida praticamente deslizou ladeira a baixo com decisões ruins?

Eu não diria que foi ladeira a baixo — foi mais um sobe e desce. Quando Matt e Misa noivaram há alguns meses e tudo saiu de controle, eu decidi parar de tomar meus antipsicóticos de uma vez, as palavras que Matt escreveu no quadro há muito esquecidas. Naquela noite, acabei contemplando a vida e a morte em um viaduto, o que causou visitas indesejadas de policiais, como se eles fossem pretendentes cortejando uma debutante do século XVIII. Ao fim daquele mês, eu estava recebendo mensagens através do despertador, cozinhando doze ovos de uma vez e arrancando as pétalas das flores que Tilley trazia para casa e colocando-as entre as páginas de dicionários para ter sorte. Mas mesmo depois de Tilley me convencer a tomar meus remédios com uma banana todas as noites e me ajudar a conseguir um trabalho de meio período que impediu minha mente de entrar em uma espiral negativa, uma coisa nunca mudou: desde que conheci Matt, senti que qualquer caminho no mundo me levaria de volta a ele.

— Havia algo entre nós — disse. — É impossível que ele também não tenha sentido. Mas depois de todo aquele tempo que passaram no hospital-dia, ele concluiu o tratamento com um certificado plastificado e um plano para os próximos cinco anos que de repente não me incluía. Foi o crime perfeito!

Tilley colocou os pés no sofá enquanto assistia dois tripulantes darem uns amassos em um bote salva-vidas.

— Para alguém que já fez um bando de coisas suspeitas enquanto estava em estado de mania, você não parece compreender bem o que é um crime.